

Willard Van Orman Quine

Sofia Inês Alborno Stein

Willard Van Orman Quine (1908-...) é reconhecido por muitos como o grande filósofo americano do século XX. A filosofia passou a ser seu interesse principal após investigar o *Principia Mathematica* (1902) de Bertrand Russell, sobre o qual escreveu sua tese de doutorado. Podemos dizer que seu ingresso no mundo filosófico se deveu a preocupações de ordem lógica, mais precisamente de filosofia da lógica. Entretanto, como ele conta em sua autobiografia (*The Time of My Life: An Autobiography* (1985), publicada em versão resumida em *The Philosophy of W. V. Quine* (1987), organizado por L. Hahn e P. Schilpp), seu encontro com a filosofia foi conseqüência, também, de outras predileções suas desde menino: a cartografia e a filologia.

Porém, foi o movimento do Empirismo Lógico do "Círculo de Viena" (1929-39), mais precisamente a filosofia de Rudolf Carnap, que marcou decisivamente a trajetória filosófica de Quine. Quine chegou a frequentar um curso de Moritz Schlick e alguns encontros desse famoso círculo de filósofos que pretendia revolucionar a filosofia através de métodos lógicos e semânticos rigorosos e, desta forma, permitir a criação de uma linguagem universal que propiciasse a "unificação das ciências em geral". Uma parte considerável de sua obra é dedicada a discutir questões ou criticar posições dos escritos de Carnap.

Entre os muitos artigos e livros de Quine merecem destaque os artigos "Two Dogmas of Empiricism" (1951) (publicado na coletânea de ensaios *From a Logical Point of View* (1953)) e "Epistemologia Naturalizada" (publicado na coletânea *Ontological Relativity and Other Essays* (1969)), e o livro *Word and Object* (1960). No primeiro, que se tornou um marco da filosofia e é um dos artigos mais citados pela literatura filosófica das últimas décadas, Quine expõe a sua crítica, que já vinha sendo elaborada há alguns anos em discussões com Tarski e Carnap, ao conceito de analiticidade ou à divisão entre enunciados analíticos e sintéticos, aceita como incontestável pela tradição filosófica. Segundo Quine, todas as definições, tanto da história da filosofia quanto contemporâneas, do conceito de analiticidade não permitem a classificação de enunciados que seriam analíticos (ou seja, necessariamente verdadeiros) na linguagem natural. Para Quine, a crença na divisão analítico/sintético é um dogma do movimento empirista (tanto do Empirismo Inglês dos séc. XVII-XVIII quanto do Empirismo Lógico contemporâneo). O segundo dogma do movimento empirista seria, segundo Quine, a crença de que é possível reduzir qualquer enunciado de uma linguagem significativa a enunciados sobre experiências sensoriais, isto é, traduzir enunciados altamente teóricos em enunciados que descrevem sensações.

Como alternativa a esse empirismo com dogmas, Quine propõe um empirismo moderado, sem dogmas, um empirismo que continua acreditando que o tribunal de qualquer sistema teórico é a experiência, porém que vê esses sistemas se defrontando como um todo com a experiência. Não há, segundo Quine, como dividir a totalidade dos enunciados de uma linguagem em enunciados verdadeiros ou falsos devido à experiência (sintéticos *a posteriori*) e enunciados necessariamente verdadeiros (analíticos *a priori*). Qualquer enunciado, segundo ele, pode ter que ser revisado, ou seu valor de verdade alterado, devido a fatos empíricos, porém não isoladamente, mas, sim, em conjunto com outros enunciados de uma teoria ou universo lingüístico. Esta tese leva Quine a concluir que inclusive os enunciados da lógica poderiam, não sem certa resistência, por serem enunciados muito teóricos e, em geral, pressupostos pela maioria dos outros enunciados de sistemas teóricos dos quais participam, ser revisados em seu valor de verdade devido a motivos empíricos. Apenas enunciados por ele chamados de observacionais poderiam ser determinados verdadeiros ou falsos isoladamente. Pode-se, segundo alguns críticos, ver essa ressalva de Quine como um resquício da crença empirista de que há enunciados sobre experiências sensoriais cuja verdade ou falsidade é mais fácil de determinar e menos dubitável que a de outros enunciados. Essa tese de Quine de que os

universos lingüísticos enfrentam o tribunal da experiência como um todo é chamada por Hilary Putnam de *holismo do significado*.

No artigo "Epistemologia Naturalizada", Quine apresenta a proposta de um método filosófico para a epistemologia que podemos chamar, seguindo a terminologia usada por Roger Gibson, comentador de Quine, de *naturalista-behaviorista*. A teoria do conhecimento, segundo Quine, não deve pretender fundar as outras ciências, logo, não deve pretender ser a ciência primeira. A teoria do conhecimento deve contentar-se, com o auxílio de ciências empíricas como a psicologia empírica (behaviorista), em tentar explicar como o homem conhece, ou, dito de outra maneira, como o homem estrutura lingüisticamente e transmite conhecimentos.

Em *Word and Object*, Quine continua sua cruzada contra noções intensionais aparentadas à noção de analiticidade. Uma tese que perpassa todo esse livro é a tese da extensionalidade, que afirma que toda linguagem significativa, para ser clara e isenta de confusões, deve poder ser traduzida para uma linguagem na qual vale o princípio de *permutabilidade salva veritate* de termos e sentenças. Essa tese vem acompanhada da tese negativa de que noções como 'intensão' de uma sentença (ou seja, o 'significado' ou, em vocabulário de Frege, o 'sentido' de uma sentença), ou noções que dependem desta (como a noção de 'analítico' ou de 'proposição'), não são noções claras porque referem objetos para os quais não há um critério aceitável de identidade. É famosa a frase de Quine: "Não há entidade sem identidade".

Para mostrar a impossibilidade de determinação das intensões ou significados de palavras ou mesmo sentenças, Quine constrói um exemplo, o exemplo da tradução radical. Ele propõe que se imagine um lingüísta que tem como tarefa traduzir uma língua completamente desconhecida para o seu idioma, por exemplo, para o inglês. Para tanto, ele passa a conviver com os usuários de tal língua. Segundo Quine, o único critério seguro para a tradução das frases dos nativos é a observação do comportamento verbal deles frente a certas situações. Entretanto, a observação do comportamento verbal, conclui Quine, permite ao lingüísta elaborar mais de um manual de tradução. O lingüísta pode, em princípio, escolher qual o manual que ele considera mais útil à tarefa da tradução. O aspecto mais importante desse exemplo para Quine é que ele mostra ser possível elaborar diversos manuais de tradução, sem que seja possível encontrar critérios para decidir qual deles é o verdadeiro.

Segundo Quine, a tradução permanece indeterminada devido à *inescrutabilidade da referência* de termos de uma língua, ou seja, não é possível determinar qual é exatamente a referência de um termo, como, por exemplo 'Gavagai', usado pelos nativos quando esses observam um coelho, pois, apesar de, em um manual, ser possível traduzir o termo por 'coelho', seria concebível criar um manual de tradução no qual o termo 'Gavagai' fosse traduzido por 'parte não destacada de um coelho' ou 'fase temporal de um coelho'. Essa constatação leva Quine a concluir duas coisas: 1. O lingüísta não pensa em 'significados' ao elaborar manuais de tradução, mas, sim, baseia-se na observação do comportamento dos falantes nativos (método *behaviorista*); 2. É possível determinar as situações em que os falantes assentiriam a uma sentença como 'Gavagai', mas não é possível traduzir o termo 'Gavagai' univocamente porque a referência é inescrutável. Essa tese de Quine, conhecida como *tese da indeterminação da tradução*, foi, durante as décadas de 60 e 70, amplamente debatida em artigos de revistas filosóficas internacionais.

Para defender a tese da extensionalidade, no entanto, não basta a Quine criticar os conceitos intensionais, ele tem que propor um sistema filosófico positivo, que explique o funcionamento de uma linguagem significativa dispensando o uso de noções intensionais. Ou seja, Quine procura mostrar que é possível explicar como se estrutura uma linguagem significativa, tanto do ponto de vista do aprendizado desta quanto do ponto de vista lógico-semântico, sem que se necessite, para tanto, falar em 'intensões' ou 'significados' de palavras ou sentenças. Se ainda se fala na filosofia de Quine em significado, este deve ser compreendido como 'significado

extensional', ou seja, como a *extensão* das sentenças, o conjunto de fatos aos quais as sentenças podem ser aplicadas, e que é determinado empiricamente pela observação do uso de sentenças em determinadas situações. Já a referência de termos ou palavras a objetos, apesar de inescrutável de um ponto de vista exterior ao uso das palavras, pode ser determinado relativamente a um sistema coordenativo, entre muitos possíveis, como, por exemplo, um manual de tradução, que relaciona palavras entre si e estabelece, exteriormente ao uso cotidiano das palavras, que elas têm a mesma referência.

Quine esteve no Brasil no ano de 1942, dando um curso de três meses na Universidade de São Paulo. A série de palestras que escreveu para o curso se converteu no livro *O Sentido da Nova Lógica* (1944), que consiste em uma das muitas obras de Quine que tratam de múltiplos aspectos da lógica de predicados de 1º ordem. Seus livros de lógica tem como característica singular o de tratarem, junto a problemas de ordem técnica, muitos problemas que podem ser vistos propriamente como de filosofia da lógica. Assim, não surpreende o fato de que, em 1970, Quine tenha publicado um livro exatamente com o título *Filosofia da Lógica*, no qual trata desde a questão lógico-semântica do que é a verdade, até questões como qual é a natureza das afirmações da própria lógica.

Além da preocupação lógico e semântica propriamente dita, Quine sempre tratou de temas relacionados ao aprendizado da linguagem e à filosofia da ciência . Em *Web of Belief* (1970), livro escrito em conjunto com J. S. Ullian, Quine elaborou uma introdução à filosofia da ciência acessível a alunos de graduação. Neste, Quine procura mostrar como se pode compreender sistemas hipotéticos-dedutivos de teorias científicas. Em *The Roots of Reference* (1974), Quine constrói um teoria do aprendizado de palavras e sentenças utilizando, para tanto, pressupostos filosóficos de *Word and Object* em conjunção com o aparato simbólico da lógica de predicados de 1º ordem. Na última década, além de diversos artigos, Quine publicou dois livros: *Pursuit of Truth* (1990) e *From Stimulus to Science* (1995), nos quais retoma e discute a maioria das teses que marcaram de forma singular sua obra filosófica.

Como se vê, não é gratuito que Willard Quine seja considerado um dos mais importantes filósofos da atualidade. Como herdeiro de Russell e Carnap, além de pragmatistas americanos como Charles Sanders Peirce e John Dewey, Quine marcou o século XX decisivamente ao combater dogmas há muito cristalizados na tradição filosófica. Com isso, provocou uma onda de debates e escritos, cujos frutos ainda estamos colhendo. Podemos dizer que sua maior contribuição à filosofia foi a sua procura obstinada por explicar como a linguagem significativa cotidiana se constitui. Para tanto, preconceitos há muito arraigados têm que ser superados e a filosofia não pode temer buscar o auxílio das outras ciências.

BIBLIOGRAFIA

GIBSON, R. F. Jr. *The Philosophy of W. O. Quine: an expository essay*. Tampa: University of South Florida, 1982.

PUTNAM, H. Meaning holism. In: HAHN, L. E., SCHILPP, P. A. (Ed.) *The philosophy of W. V. Quine*. La Salle, Illinois: Open Court, 1986. p.405-31.

QUINE, W.V.O. *O sentido da nova Lógica*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. (1. ed.: 1944).

_____. Two dogmas of empiricism. (1951) In:_____. *From a logical point of view: nine logico-philosophical essays*. 2.ed. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1961. p.20-46. (Publicado em português no vol. *Ensaios: Ryle, Austin, Quine, Strawson*, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1980).

_____. *Word and object*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1960.

_____. Relatividade ontológica e outros ensaios. In: CIVITA, V. (Ed.) *Ensaio: Ryle, Strawson, Austin, Quine*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.115-213. (Os Pensadores). Tradução de: *Ontological relativity and other essays*. (1.ed.: 1969).

_____. Epistemologia naturalizada. In: CIVITA, V. *Ensaio: Ryle, Strawson, Austin, Quine*. Op.cit. p.157-69.

_____. SULLIAN, J. S. *The Web of Belief*. New York: Random House, 1970.

_____. *The philosophy of logic*. Cambridge & London: Harvard University Press, 1970.

_____. *The roots of reference*. La Salle, Illinois: Open Court Publishing Co., 1974.

_____. *Pursuit of truth*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

_____. *From stimulus to science*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

© Sofia Inês Albornoz Stein

Verbete elaborado a pedido do Centro de Estudos em Filosofia Americana

CEFA – www.pragmatismo.org

Para citar, por favor, informe que o artigo é do CEFA e que está publicado no Portal Brasileiro da Filosofia – www.filosofia.pro.br